

O PREDOMÍNIO DA VIOLÊNCIA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo - Mais!, 7.12.2003.

Enquanto os cientistas sociais e os filósofos tentam compreender racionalmente a vida social, os artistas projetam em suas obras sua visão do mundo. De um mundo complexo, multifacetado, e ambíguo, do qual eles não podem senão identificar aspectos, que, no entanto, podem ganhar uma grandeza inesperada quando o artista é verdadeiro. Os cineastas, em particular, têm uma possibilidade ímpar de revelar o mundo e a vida através do meio poderoso que é o das imagens e o das palavras conjugadas em um espaço e em um tempo que eles próprios manipulam. Os cineastas americanos têm usado essas potencialidades com grande força. Seja para fazer a ideologia da sociedade americana, seja para fazer sua crítica. Nos últimos tempos, a ideologia ficou reservada para filmes menores, enquanto a crítica aparece com força cada vez maior.

Um aspecto particular do grande cinema americano é o fato de que os filmes são obras de arte coletivas. O cinema de autor, que caracteriza, por exemplo, o cinema brasileiro, ou o francês, ou o iraniano, é mais raro nos Estados Unidos. Também existe, especialmente nas obras marginais, que disputam reconhecimento no Festival de Sundance, e em alguns momentos atinge um nível maior, como é o caso de “Elefante”, mas seu autor, Gus Van Sant, é também um homem do grande cinema comercial de Hollywood.

Muitas vezes temos a tendência a supor que o verdadeiro cinema, que produz obras-primas, é sempre o cinema de autor. É o cinema de Bergman, de Fellini, de Glauber. Mas, desde os grandes filmes de Griffith, nos albores da história do cinema, isto não é verdade. E quem, por exemplo, é o autor de “Cantando na Chuva”? Mesmo os grandes diretores americanos, como John Ford, ou Hitchcock, não fizeram um cinema propriamente de autor, já que não são os autores da história e do roteiro. Na medida, porém, em que são obras coletivas, os filmes talvez tenham maior capacidade de expressar a sociedade da qual são produto.

O último grande filme que o cinema americano produziu é “The Mystic River” (“Sobre Meninos e Lobos”). É assinado por Clint Eastwood, que merece o título de grande diretor com esta segunda obra-prima que dirige, mas sua extraordinária força é o resultado de um trabalho coletivo no qual não apenas os atores, mas os demais participantes, particularmente os roteiristas, têm um papel fundamental.

Ente “Elefante” e “Mystic River”, revê “América, América” e “The Arrangement”, de Elia Kazan, recentemente falecido. Este fez tanto cinema de autor quanto filmes coletivos. Os dois filmes, dos anos 60, são um poderoso retrato da esperança e da realidade representadas pelos Estados Unidos. A esperança aparece com todo vigor em “América, América” (1964). Embora a esperança se refira aos Estados Unidos do início do século, quando o imigrante grego parte da Turquia, onde os gregos eram minoria importante e perseguida, e, depois de uma odisséia, chega à América, trata-se também de uma esperança do momento em que filme foi concebido e produzido. Já nos Estados Unidos de “The Arrangement” (1969), a esperança ainda existe, mas o essencial é a realidade material, voltada para o dinheiro, único veículo de realização em uma sociedade individualista, onde a idéia de solidariedade parece esquecida. A esperança sobrevive, ainda que a salvação seja exclusivamente individual, e não haja espaço para a comunidade ou a solidariedade.

Quase quatro décadas depois, os Estados Unidos de “Mystic River”, como o de “Elefante”, assim como de “Intolerável Crueldade”, dos irmãos Cohen, são muito diferentes. Já não há mais qualquer esperança, e o individualismo se transformou em non-sense violento puro (“Elefante”), em cinismo (“Intolerável Crueldade”), ou então em puro ódio dos adultos e violência dos meninos (“Mystic River”). Ou ainda, nos termos de Jacques Rancière, no mal em si, no mal “que não tem concerto senão ao preço de um outro mal que permanece irreduzível” (*Mais!*, 23.11.2003). Em qualquer dos casos, é a violência que predomina, não a violência dos filmes de ação com efeitos especiais, que afinal é pequena quando comparada com aquela que aparece nos filmes de Van Sant e Eastwood.

Ao vermos esses filmes, compreendemos que os Estados Unidos de George W. Bush e de seus falcões fundamentalistas não são mero acidente. É impressionante como a grande nação se divide, e mergulha em sua própria crise. Como ela, que era a esperança do mundo no início do século XX, e parecia ser sua concretização imediatamente após a vitória na Segunda Guerra Mundial, transformou-se em ameaça para esse mesmo mundo. Como o país mais

poderoso se transformou também no mais dominado por medos irracionais. Como um ataque violento, como foi o do 11 de setembro, afinal serviu para que uma direita fundamentalista manifestasse sua própria violência, ao invés de servir para que os Estados Unidos revissem sua política no Oriente Médio, e reorganizassem a luta contra o terrorismo.

Estou convencido que os problemas que os Estados Unidos hoje enfrentam estão relacionados com seu atraso no plano político-institucional. O progresso econômico e tecnológico vem sendo muito maior do que o político, na medida em que as instituições políticas americanas revelavam-se incrivelmente rígidas, só reformáveis através de decisões sim-ou-não da Corte Suprema. Mas esse é apenas um tema para análise na discussão de um problema muito maior e muito mais complexo.

As obras de arte não apontam caminhos, muito menos sugerem soluções. Estas terão que ser encontradas através da ação política, do debate democrático. Através de uma perspectiva que conserve o melhor da tradição liberal e individualista de democracia, mas seja também solidária e republicana. A América de Griffith e de Kazan não está morta. Críticos como Roger Moore e Noam Chomsky mostram que a esperança está viva, e que existe uma alternativa moral e democrática contra a violência sem limites que mata a esperança – o grande inimigo que “Elefante” e “Mystic River” identificam.

Luiz Carlos Bresser-Pereira, 69, é professor da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, e pesquisador associado da Maison des Sciences de l’Homme. Foi ministro da Fazenda, da Administração Federal e Reforma do Estado, e da Ciência e Tecnologia.
Internet: www.bresserpereira.org.br/